



DOI: <http://dx.doi.org/10.22483/2177-5796.2025v27id5566>

“POSSO ME DESENHAR NO MAPA?”: AS CRIANÇAS, A HORTA E AS GEOGRAFIAS COM A VIDA

"Can I draw myself on the map?": The children, the garden, and the geographies of life

"¿Puedo dibujarme en el mapa?": Los niños, el huerto y las geografías con la vida

Vitória Ângela Paim¹, Denise Theves²

Resumo: Este texto tem como objetivo apresentar uma proposta desenvolvida no contexto de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), em que um grupo de crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola da cidade de Canoas (RS) foi convidado, a partir de uma visita/aproximação com uma horta comunitária do bairro, a criar um mapa vivencial coletivo do espaço da horta. A elaboração do mapa visa documentar geograficamente a atividade e valorizar as lógicas das crianças. Nesse sentido, busca-se compreender como as propostas didáticas mediadas com a Geografia Escolar mobilizam as vivências e a autoria das crianças. O trabalho parte dos pressupostos da Geografia da Infância, além de estar subsidiado por autores que versam sobre a Geografia Escolar. A investigação foi conduzida a partir de um estudo etnográfico, que destaca o protagonismo e a autoria infantil. A pesquisa reafirmou que a espacialidade das crianças transcende a sala de aula, o que confere múltiplos significados aos conhecimentos geográficos. Além disso, a construção coletiva do mapa demonstra que as crianças traduzem as suas vivências espaciais na constituição da sua plenitude geográfica. As crianças, convidadas a compor as propostas levando em consideração suas autorias, criam mundos outros, mundos próprios, que revelam o seu vasto repertório de relações, ações e (in)conclusões, que demonstram maneiras muito particulares de vivenciar o espaço e que culminam na produção de muitas espacialidades infantis.

Palavras-chave: mapa vivencial; geografia da infância; anos iniciais.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) | Porto Alegre | RS | Brasil. E-mail: paimmvitoria@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-6981-9030>

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) | Porto Alegre | RS | Brasil. E-mail: denisetheves@gmail.com | Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6493-3139>

Abstract: This text aims to present a proposal developed in the context of a Final Course Project (TCC), in which a group of children from the early years of Elementary School from a school in the city of Canoas (RS) were invited, based on a visit/approach to a community garden in the neighborhood, to create a collective experiential map of the garden space. The creation of the map aims to geographically document the activity and value the children's logic. In this sense, the aim is to understand how the didactic proposals mediated by school geography mobilize the experiences and authorship of children. The work is based on the assumptions of Childhood Geography, in addition to being subsidized by authors who deal with School Geography. The investigation was conducted based on an ethnographic study, which highlights children's protagonism and authorship. The research reaffirmed that children's spatiality transcends the classroom, which gives multiple meanings to geographic knowledge. Furthermore, the collective construction of the map demonstrates that children translate their spatial experiences into the constitution of their geographic plenitude. Children, invited to compose the proposals taking into account their authorship, create other worlds, their own worlds, which reveal their vast repertoire of relationships, actions and (in)conclusions, which demonstrate very particular ways of experiencing space and which culminate in the production of many children's spatialities.

Keywords: experiential map; childhood geography; early years.

Resumen: Este texto tiene como objetivo presentar una propuesta desarrollada en el contexto de un Proyecto Final de Curso (TCC), en el que un grupo de niños de los primeros años de la Enseñanza Primaria de una escuela de la ciudad de Canoas (RS), fueron invitados, a partir de una visita/acercamiento a un jardín comunitario del barrio, a crear un mapa experiencial colectivo del espacio del jardín. La creación del mapa tiene como objetivo documentar geográficamente la actividad y valorar la lógica de los niños. En este sentido, se pretende comprender cómo las propuestas didácticas mediadas por la geografía escolar movilizan las experiencias y la autoridad de los niños. El trabajo se fundamenta en los supuestos de la Geografía Infantil, además de estar subvencionado por autores que abordan la Geografía Escolar. La investigación se realizó a partir de un estudio etnográfico, que resalta el protagonismo y la autoridad de los niños. La investigación reafirmó que la espacialidad de los niños trasciende el aula, lo que otorga múltiples significados al conocimiento geográfico. Además, la construcción colectiva del mapa demuestra que los niños traducen sus experiencias espaciales en la constitución de su plenitud geográfica. Los niños, invitados a componer las propuestas teniendo en cuenta su autoridad, crean otros mundos, sus propios mundos, que revelan su vasto repertorio de relaciones, acciones y (in)conclusiones, que demuestran formas muy particulares de experimentar el espacio y que culminan en la producción de espacialidades de muchos niños.

Palabras clave: mapa vivencial; geografía de la infancia; años iniciales.

1 AS CRIANÇAS E A HORTA: SEMENTES LANÇADAS NO ESPAÇO³

A criança é um ser humano, é uma pessoa, que dependeu de outras para se revelar, mas que possivelmente abrirá para outras o caminho da vida. E que já nasceu pessoa. Toda criança nasce com o direito de ser (Dallari; Korczak, 2022, p. 65).

O trecho que abre esta seção demonstra os muitos elos que a pesquisa, da qual este texto se origina, construiu, sobretudo no que diz respeito aos caminhos que emergiram dos momentos com as crianças. Muitas vezes, as crianças e as suas infâncias são encaixadas em visões biológicas e reducionistas, que simplificam a sua atuação cotidiana. Essa leitura equivocada não considera a espacialidade das crianças e as profundas imbricações entre as suas autorias e o espaço geográfico.

Ao direcionarmos nosso olhar para as crianças, percebemos a existência de várias infâncias, e não apenas uma única. Reconhecê-las como participantes na construção da sociedade exige compreender a infância como uma construção social, afastando-se de concepções meramente biológicas e etárias. As lógicas das crianças variam e se transformam conforme o contexto social, cultural, econômico, geográfico e familiar, entre outros, de cada época ou lugar. Além disso, a maneira como vivem os espaços, produzem territórios e ocupam lugares é diversa e singular.

Nesse sentido, a investigação⁴ desenvolvida teve como objetivo compreender como as vivências das crianças com a Horta Comunitária União dos Operários (HOCOUNO), localizada no bairro Mathias Velho, na cidade de Canoas (RS), poderiam fomentar a construção de propostas didáticas que se vinculassem com a sua espacialidade e as suas autorias.

No recorte aqui apresentado, a ênfase recai sobre uma proposta didática que buscou considerar as vivências das crianças a partir das suas espacialidades e, sobretudo, das suas visões de mundo. Dessa forma, a criação coletiva de um Mapa Vivencial da Horta Comunitária HOCOUNO demonstrou como as crianças (re)constroem e relacionam-se com os diversos lugares do seu cotidiano.

Amparado nessas prerrogativas, propõem-se os seguintes movimentos analítico-reflexivos: inicialmente, com o título "Para chegar bem perto da escola e da horta com as crianças", são feitas considerações que relacionam os(as) participantes e os lugares de desenvolvimento da proposta didática. Em seguida, em "Conhecer para plantar", esboçam-se os aportes teóricos e, na sequência, a metodologia e algumas reflexões sobre a atividade com as crianças, a partir do título "As ferramentas e os canteiros da horta: preparação cuidadosa". Por fim, com o título "Sementes espalhadas com a horta", são tecidas as considerações finais.

³ Os títulos vinculam-se ao manejo de uma horta.

⁴ A presente pesquisa compôs o texto final do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a conclusão do curso de Geografia, no ano de 2024, e aborda as interações entre as infâncias e contextos educativos, com foco em práticas comunitárias e espaços de aprendizagem.

2 PARA CHEGAR BEM PERTO DA ESCOLA E DA HORTA COM AS CRIANÇAS

No desenvolvimento da proposta didática e na constituição desta pesquisa, um dos princípios balizadores foi considerar as crianças e as suas infâncias, a partir de um diálogo com as motivações para suscitar reflexões sobre e com elas. Assim, apresentam-se as crianças que participaram deste trabalho e o tornaram possível. No desenvolvimento da proposta didática e na construção desta pesquisa, um dos princípios centrais foi reconhecer as crianças e suas infâncias, promovendo um diálogo que estimulasse reflexões tanto sobre elas quanto com elas. Dessa forma, apresentam-se as crianças que participaram deste trabalho e o tornaram possível.

Além disso, são apresentados os lugares em que a investigação se concretizou, apoiando-se na premissa afirmada por Lopes e Vasconcellos (2005, p. 39): “as crianças ao se apropriarem desses espaços e lugares, reconfiguram-nos, reconstroem-nos e, além disso, apropriam-se de outros, criando suas territorialidades, seus territórios usados”.

As atividades foram desenvolvidas com as crianças de uma turma de 3º ano dos anos iniciais, da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Professor Thiago Würth⁵, uma escola pública do município de Canoas (RS), local em que se encontra, também, a horta comunitária HOCOUNO. As crianças formavam um grupo heterogêneo e demonstraram terem relações únicas com o bairro, evidenciando que não eram apenas marcadas por esse espaço, mas que o marcavam na mesma medida.

A Associação Horta Comunitária União dos Operários (HOCOUNO) nasceu do processo de ampliação da ocupação da Vila União dos Operários, no bairro Mathias Velho, em Canoas (RS). O espaço congrega famílias que participam do cultivo e produção de hortaliças e legumes. A Associação de Moradores da Vila União dos Operários (AMVUO) foi fundada em 1980 com o intuito de organizar as famílias ocupantes da região do bairro Mathias Velho, para garantir a permanência no local e organizar a ocupação para melhor aproveitamento do espaço.

A história da horta comunitária conflui com a história do bairro, visto que o movimento ocupacional de cunho comunitário que ocorreu no local foi um importante movimento para o desenvolvimento da vila e o fortalecimento de vínculos, promovendo a autonomia das famílias ocupantes.

A vila e o subsequente bairro passaram por intensas transformações do espaço urbano ao longo dos anos. No entanto, a horta comunitária manteve a sua importância e influência junto aos moradores do bairro, sobretudo por alinhar-se com o pressuposto de fonte de alimentação saudável e renda, sendo um espaço fundamental na subsistência de muitas famílias.

⁵ A direção da escola consentiu para a realização da pesquisa e assinou a autorização, assim como os(as) responsáveis pelas crianças e as próprias crianças. Esses documentos assinados encontram-se com a pesquisadora.

A escola, fundada em 1981, é atualmente a que mais acolhe alunos na cidade de Canoas, particularmente aqueles provenientes de classes sociais menos privilegiadas ou em situações de vulnerabilidade, evidenciando como as questões sociais, políticas e econômicas se manifestam no contexto escolar. Assim, tornou-se um importante centro educacional no município, bem como no bairro.

A Horta Comunitária HOCOUNO e a Escola Professor Thiago Würth estão localizadas muito próximas, sendo pontos de referência para os moradores da Vila União dos Operários e, sobretudo, do bairro Mathias Velho, como pode ser observado na Figura 1. Tendo em conta as ações e transformações na Vila ao longo do tempo, nota-se que foi um conjunto composto de muitas mãos, caracterizado pela força social e coletiva dos ocupantes que hoje compõem a localidade. Mesmo não havendo ligação direta entre a escola e a horta, há uma relação entre as pessoas que organizam esses espaços, demonstrando que são lugares de existência das famílias e das crianças do bairro.

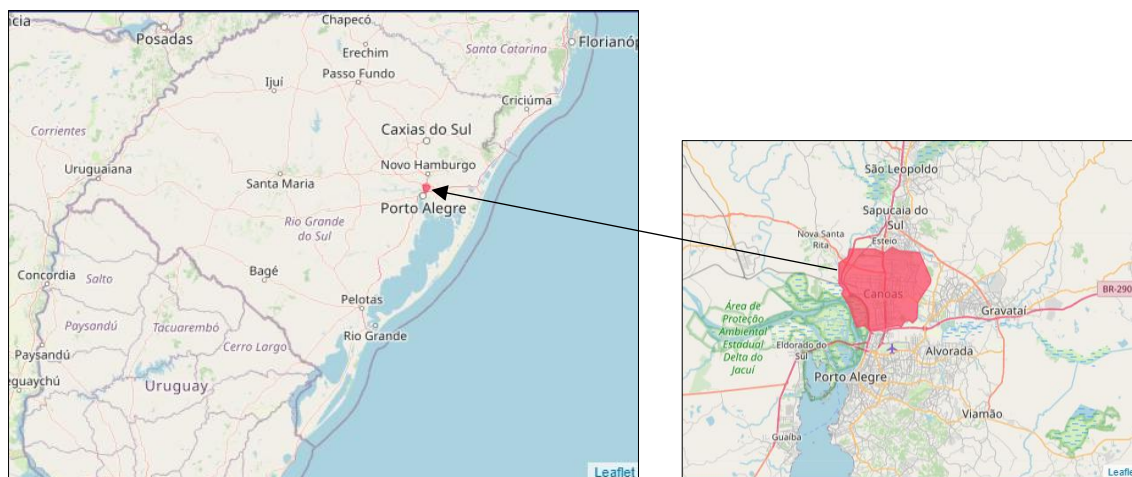
Figura 1 - Localização da Horta Comunitária HOCOUNO e da Escola Professor Thiago Würth



Fonte: Paim (2024, p. 23).

O município de Canoas localiza-se ao norte de Porto Alegre, a aproximadamente 17 quilômetros de distância, compondo a região metropolitana da capital gaúcha, como se observa na Figura 2. Possui uma extensão geográfica de 131 mil km² e, de acordo com o IBGE, uma população superior a 340 mil habitantes (Canoas, 2023).

Figura 2 - Localizando o município de Canoas no Rio Grande do Sul



Fonte: Adaptado de Atlas [...] (2025).

Considerando que as crianças vivenciam e apreendem o espaço em escalas diversas — com seus pares (outras crianças), os adultos, a sociedade e os lugares —, não se pode ignorar que os achados da pesquisa são únicos, visto que as vivências das crianças são diferentes conforme os diversos grupos sociais e o lugar em que elas estão inseridas. Tal como afirma Lopes (2009, p. 128): “as crianças vivem o espaço em sua plenitude geográfica, estão presentes nas paisagens, deixando suas marcas”. Dessa forma, reafirma-se que há laços entre as crianças, as suas infâncias e os lugares, assim como as demais pessoas que se fazem presentes, dando vida às geografias que emergem do ser e existir com o espaço.

3 CONHECER PARA PLANTAR

Para realizar a proposta didática apresentada anteriormente, foi fundamental considerar as crianças e as suas vivências como produtoras de espacialidades e, sobretudo, de mundos. Como apontam Costa e Souza (2022, p. 15) “A pesquisa com as crianças vem nos evidenciando que elas possuem lógicas muito próprias de produção de tempos e espaços, vivenciando os lugares e suas paisagens, espacializando suas vidas”. Assim, é preciso considerar os espaços que as crianças constituem e as dimensões geográficas envolvidas.

Essas considerações concordam com o referencial teórico que sustenta este estudo: a Geografia da Infância. De acordo com Lopes e Suarez (2018, p. 507) “Geografia da Infância é isso. É considerar, no espaço geográfico, a vivência das

crianças, é ler a infância e os indícios de como as crianças estão na sociedade a partir da paisagem, dos territórios das redes que se estabelecem, dos lugares que se cunham". Ressalta-se, ainda, que há liames indissociáveis entre a Geografia da Infância e o espaço geográfico, visto que as infâncias se personificam de acordo com os espaços e sociedades em que estão inseridas, espaços estes que influenciam em suas ações e, ao mesmo tempo, são produzidos por elas.

Portanto, entende-se que o espaço geográfico não pode ser compreendido como uma mera superfície em que vivemos, pois é, também, parte do processo de transformação e formação dos seres humanos, que possibilita as construções de nossas diferentes geografias. Esse processo também se estende às crianças, pois elas, assim como os adultos, têm a sua vivência humana no espaço em que vivem, ocupam e transformam.

Os espaços das crianças são constituídos e muitas vezes subvertidos por suas lógicas e autorias, estabelecendo uma relação dialética em unidade, na qual o meio influencia as crianças, da mesma maneira que as crianças agem e influenciam este meio. Assim,

[...] as crianças vivem o espaço em sua plenitude geográfica, estão presentes na paisagem, deixando suas marcas, e constroem/destroem suas formas, estabelecem lugares e territórios, vivem seus afetos, seus desejos, poderes, autorias e heteronomias. Inventam-nos, arquitetam e des-arquitetam, aceitam-nos, negam-nos, seja no campo da percepção ou da representação. Se a ciência geográfica desdobra o espaço como estratégias para compreensão e interpretação, na criança, todas essas dimensões se encontram, criando a condição geográfica constante de suas existências (Lopes, 2009, p. 128-129).

Com essas prerrogativas, reflete-se sobre as crianças e, sobretudo, nas suas relações existenciais. Parte-se do princípio de que não existe experiência humana fora do espaço, pois o ser e o estar de todos os seres, incluindo as crianças, é uma unidade. As crianças são e estão no/com o espaço. Portanto, enquanto pesquisadoras adultas, é fundamental entendê-las, escutá-las e considerá-las como sujeitos de ação, propondo propostas didáticas com a Geografia Escolar que movimentem as suas geografias em diversas leituras de mundo.

Nesse sentido, considerando que as crianças e as suas infâncias criam e recriam geografias com formas únicas e distintas, como é possível abordar a compreensão de suas espacialidades? Assim, a proposta didática foi elaborada em colaboração com as crianças, estabelecendo diálogos com suas autorias e considerando-as sujeitos geográficos, criando conexões entre as crianças e os espaços que compõem o seu entorno.

Os mapas vivenciais, como disserta Lopes (2012), não podem ter apenas a condição figurativa, isso porque rompem com a planificação cartográfica ao assumir uma condição humana que não se esgota. Desse modo, a construção desse tipo de

mapa está vinculada às percepções, aos sentimentos e às vivências espaciais que as crianças possuem de determinado espaço em que estão inseridas.

Ao considerar a perspectiva da vivência espacial, a construção de mapas vivenciais permite, como expõem Lopes e Costa (2023, p. 326-327): “acessar a espacialidade de suas vivências, velada ou desvelada em seus enunciados que a todo instante são transformados por todo o contexto enunciativo”. A produção de mapas vivenciais rompe com as hierarquias de saberes, pois o seu objetivo está nas singularidades, em que o principal não são as representações cartográficas, mas as geografias que emergem da sua construção, ao passo que demonstram as múltiplas vivências e sentimentos que são capazes de emergir do mesmo espaço. Apoiando-se nestes pressupostos

[...] buscamos, a partir dos mapas vivenciais, encontrar as muitas expressões do espaço geográfico renovado no nascimento de cada ser humano: olhar para as paisagens, para as regiões, para os territórios, para as escalas, as redes e outras dimensões, que por serem materiais e simbólicas, emergem em seres linguareiros, em escrituras cartográficas que são vidas em processos e não representações fossilizadas de um espaço rígido, asséptico, endurecido (Lopes; Costa, 2023, p. 327-328).

Pretendeu-se, com a proposta didática aqui apresentada, demonstrar que as concepções de espaço não são absolutas e os mapas não precisam ser concebidos apenas como produtos com representações fixas e imutáveis. A construção do mapa vivencial da horta comunitária HOCOUNO considera, acima de tudo, a produção e a construção cartográfica geográfica, que assume as crianças como protagonistas dos seus processos de ensino-aprendizagem.

4 AS FERRAMENTAS E OS CANTEIROS DA HORTA: PREPARAÇÃO CUIDADOSA

Como explicitado, a proposta didática que embasa as reflexões deste texto faz parte de um conjunto de atividades desenvolvidas com as crianças da turma do terceiro ano da EMEF Professor Thiago Würth, no município de Canoas (RS) em uma investigação que integrou o Trabalho de Conclusão de Curso. Nessa pesquisa, a metodologia adotada foi a etnografia, que consiste em uma abordagem mais profunda do contexto dos participantes da pesquisa.

Na busca por uma compreensão mais abrangente das crianças, o diálogo entre diversos campos de estudo desempenhou um papel fundamental nesse processo. As investigações voltadas para as crianças como agente social, reafirmam-nas como interlocutoras e informantes do conhecimento sobre si mesmas e os seus pares. Esse reconhecimento reforça que as crianças não apenas merecem, mas também devem ser ouvidas e as suas perspectivas devem ser consideradas. Assim, se compreende que a pesquisa etnográfica se torna um método coerente, uma vez que se alinha com a observação participante das crianças em seus ambientes de convivência.

Além disso, o método oportunizou a investigação da infância como uma categoria geracional, o que implica considerá-la como um conjunto social duradouro nos espaços. Nessa perspectiva, distancia-se da visão adultocêntrica que restringe a historicidade das crianças, uma vez que tanto as crianças quanto as infâncias são modeladas e originadas no convívio com outras instâncias, tais como: econômicas, políticas, sociais, culturais, tecnológicas, discursivas, entre outras. A interação entre essas instâncias é o que origina as características e configurações do grupo social. Assim, fortalece-se a compreensão de que a pesquisa com crianças aprimora o entendimento das experiências sociais e culturais compartilhadas por elas, com o espaço e com os outros.

Ao longo dos encontros, priorizaram-se as ações das crianças, com foco em suas interações, diálogos e linguagens. Nesse sentido, as propostas elaboradas foram desenvolvidas após uma imersão no contexto da turma, da escola e do bairro.

A proposta didática mencionada foi estruturada, apoiada em pressupostos da Geografia Escolar e composta por três atividades interrelacionadas, sendo elas: conversa com a turma de crianças na escola; visita à horta comunitária HOCOUNO; e a elaboração do mapa vivencial coletivo dessa horta. Essas, por sua vez, visaram não apenas explorar conceitos geográficos referentes ao componente curricular de Geografia, mas também estimular a participação ativa, o diálogo e a expressão autoral das crianças. A construção do mapa vivencial da horta comunitária é a atividade que está sendo exposta neste texto.

Além do método etnográfico que foi utilizado no estudo, que envolveu estar junto com as crianças, a documentação dos dados foi uma ação importante para a compreensão do trabalho. Essa documentação se deu por meio de um diário de campo, no qual foram feitos registros escritos, gravações, vídeos, fotografias e atividades realizadas com as crianças. Contudo, salienta-se que a construção desse diário não apenas teve a intenção de coletar dados das interações com as crianças, mas serviu para compor as impressões, conversas, entrevistas e as impressões pessoais.

Era importante, ao tratar-se de um trabalho com crianças, garantir os princípios éticos da pesquisa, alinhadas à elaboração das práticas didáticas e outras interações planejadas com as crianças. Esse enfoque visa garantir a integridade, o respeito e a participação voluntária das crianças envolvidas, refletindo uma abordagem ética e sensível às suas perspectivas e necessidades.

Para o consentimento das crianças, foi estabelecido uma abordagem específica para apresentação e a assinatura dos termos. A primeira consideração essencial era assegurar que compreendessem a natureza da pesquisa e concordassem voluntariamente em participar das etapas desenvolvidas ao longo dos encontros. Além disso, o processo de obtenção do consentimento envolveu a explicação de elementos importantes, especialmente no que diz respeito à liberdade das crianças-participantes em relação à pesquisa. Era imperativo que as crianças percebessem que o trabalho seria construído de forma colaborativa, com elas desempenhando um papel crucial em todos os processos desenvolvidos.

Essa abordagem inicial, que permitia que as crianças tivessem a oportunidade de expressar sua decisão sobre participar ou não das diferentes etapas que iriam compor a pesquisa, reforçou o compromisso com a autonomia das crianças, assegurando que sua vontade e, sobretudo, as suas vozes e autorias fossem respeitadas em todas as fases da investigação.

A elaboração do mapa vivencial ocorreu no dia 25 de outubro de 2023, logo após a visita realizada com as crianças na horta comunitária HOCOUNO. No retorno para a sala de aula, as conversas sobre a visita foram reveladoras dos movimentos das crianças no espaço e as suas relações com a horta. Neste momento, propôs-se às crianças a elaboração coletiva de um mapa do local que tinha sido visitado. O mapa vivencial foi a documentação geográfica da atividade, tendo como destaque a valorização das expressões das crianças em suas autorias. No entanto, antes de propor a elaboração desse mapa, foi realizada uma conversa com as crianças sobre os deslocamentos no espaço, utilizando um mapa político do Estado do Rio Grande do Sul, como mostra a Figura 3.

Figura 3 - As crianças lendo o mapa político do Rio Grande do Sul



Fonte: Paim (2024, p. 70).

Além dos debates relativos à localização, utilização e leitura do mapa, as crianças trouxeram suas percepções sobre o material, para que ele servia, como ele poderia ser utilizado e outros elementos visuais existentes e identificados. Observando o mapa, as crianças estabeleceram diversos diálogos, evidenciando suas próprias geografias, aprendidas no mundo da vida e que transcendem qualquer atividade pedagógica.

Dando continuidade à proposta, convidou-se as crianças para a criação de um mapa a partir do seguinte questionamento: “vamos juntos fazer um mapa da horta, para que todas as crianças e os adultos que forem conhecer possam utilizar?”. As crianças prontamente concordaram e deu-se início à criação do Mapa Vivencial da Horta Comunitária HOCOUNO. Uma tira de papel *kraft* com aproximadamente dois metros foi disposta no chão e, em conjunto com a turma, foi elaborado o título, que foi escrito no topo do papel em que foi feito o mapa. As crianças estavam posicionadas entorno do papel com os seus materiais, de maneira que todos tinham acesso livre ao mesmo. Destacam-se alguns trechos das conversas com as crianças durante a realização da atividade.

Pesquisadora: O que é importante ter no nosso mapa da horta?

Hortelã⁶: Onde fica as casinhas dos cachorros.

Hortelã: Onde fica as plantas tem muitas alfaces, para poder colher.

Cenoura: Aquele salão onde tem as aulas de dança e música que a Dona Lucy falou.

Alface: Aquela estátua lá do “índio”, qual o nome dele?

Pesquisadora: Uma liderança indígena chamada Sepé Tiarajú.

Alface: Temos que desenhar ele.

Pesquisadora: E onde vamos deixar o mapa? Aqui na escola ou lá na horta? O que vocês acham?

Alface: Tem que deixar o mapa lá na horta, para quem não conhece saber onde ficam as coisas (Nota de campo, 25 out. 2023)⁷.

Ao estimular a participação das crianças, considerou-se que elas são produtoras de suas próprias cartografias. Assim, observou-se que as representações da horta foram feitas de formas distintas, destacando lugares que consideravam importantes, o que revelou os significados subjacentes a cada uma das formas. Em alguns momentos, surgiram conflitos sobre quem desenharia o quê, afinal, cada criança tinha percepções diferentes sobre as formas de representar o mesmo elemento. Destaca-se, ainda, que os elementos a seres desenhados, de acordo com as crianças, incluíam alface, cachorros, a estátua do Sepé Tiarajú, um *folder* com imagens e uma breve história da horta comunitária, ou seja, aspectos importantes para elas e não apenas as referências do mundo adulto.

A ideia de elaborar esse mapa com as crianças teve a intenção de realizar a documentação geográfica da atividade e valorizar as lógicas das crianças. Os mapas vivenciais podem reproduzir espacialidades, valores heterogêneos e simbologias novas

⁶ As crianças escolheram nome de plantas encontradas na horta.

⁷ Entrevistas realizadas com crianças da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Professor Thiago Würth, sobre a elaboração do mapa da horta comunitária. [Citação da fala das crianças]. Canoas, 25 out. 2023.

e representativas. De acordo com Lopes (2012, p. 222) “caracterizam-se por movimentos de representações cartográficas que trazem não apenas elementos do mundo adulto (Cartografia para Crianças), mas também as referências das próprias crianças”. Dessa forma, a elaboração do mapa conferiu significados distintos ao espaço da horta.

Em um momento durante a atividade, uma das crianças solicitou desenhar uma pessoa no mapa, representando “as avós que estavam lá fazendo sabão” (Nota de campo, 25 out. 2023), evidenciando que o mapa tinha vida. Ao representar aspectos da horta no mapa coletivo, as crianças demonstraram que aquele espaço não era apenas mais um local, mas sim um lugar vivido, dotado de afetividade e pertencimento. Esse processo revelou a riqueza das vivências das crianças na e com a horta comunitária HOCOUNO, como mostra a Figura 4.

Figura 4 - Mapa Vivencial da Horta Comunitária HOCOUNO



Fonte: Paim (2024, p. 72).

Com a realização da atividade de elaboração do mapa vivencial, ficou evidente que as crianças “vivem o espaço em sua plenitude geográfica” (Lopes, 2009, p. 129). Os desenhos dos lugares feitos pelas crianças são compostos de elementos que traduzem as suas vivências espaciais e, especialmente, a maneira como se colocam e transitam no mundo.

Os registros do espaço geográfico realizado com as crianças não seriam considerados corretos pela cartografia ‘tradicional’, especialmente, por não estarem em uma estrutura de símbolos, escalas, entre outros. Contudo, é possível compreender que as maneiras de representar o espaço não são universais e as cartografias expressas pelas crianças através dos mapas vivenciais são capazes de contemplar as suas vivências, que vai muito além das formas e elementos previamente instituídos.

Buscou-se, através da construção do mapa vivencial da horta, que as crianças compartilhassem as suas vivências com a Geografia e que também vissem oportunidades de aprendizado fora do ambiente formal de educação, como na horta comunitária, na praça do bairro, nos trajetos diários ou na leitura de um mapa político do Rio Grande do Sul.

Por fim, a produção dos mapas vivenciais com as crianças demonstra que o espaço não é algo linear e as suas representações são carregadas de afetos e simbologias próprias. Além disso, essa proposta estimula a autoria das crianças, considerando-as produtoras de suas próprias cartografias que demonstram as suas múltiplas geografias. Os desenhos do lugar, elaborados de maneira conjunta, são compostos de elementos que traduzem as suas vivências espaciais e, sobretudo, a forma com que leem e interpretam o espaço.

5 “POSSO ME DESENHAR NO MAPA?” - SEMENTES ESPALHADAS COM AS CRIANÇAS⁸

O título que inicia esta seção reflete a riqueza da construção do mapa vivencial da horta com as crianças, destacando a vida presente em suas produções. O mapa criado pelas crianças vai além do que é previamente instituído, possuindo movimento e revelando as diversas histórias que são contadas.

Os postulados da Geografia da Infância, que sustentaram o desenvolvimento da proposta didática, buscaram refletir sobre as dimensões espaciais das crianças, das suas infâncias e na autenticidade que produzem as suas geografias. O desafio dessa proposta didática foi desenvolver uma leitura e compreensão de mundo coadunada as vivências e lógicas infantis. Ao perambular, brincar, falar, indagar, manifestar incertezas, as crianças interagem e relacionando-se com o espaço, ampliando a sua percepção espacial. Assim, a proposta apresentada ao longo deste texto estimulou a leitura do mundo com as crianças, assim como as representações e ressignificações do espaço produzido diariamente por e com elas.

Dessa forma, a produção coletiva do mapa vivencial da horta comunitária HOCOUNO reafirma o potencial de desafiar a rigidez da cartografia tradicional, propondo a construção de um mapa que incorpore diferentes formas de linguagem, capazes de expressar as múltiplas vivências das crianças. Os registros das vivências infantis demonstram a importância das crianças como sujeitos sociais, revelando seu vasto repertório de conhecimentos e expressões em várias linguagens.

Quando as crianças são convidadas a compor a sala de aula como autoras de suas aprendizagens, criam mundos outros, mundos próprios, mundos compartilhados e mundos individuais, momentos que revelam suas autorias. A proposta didática, elaborada e construída com as crianças, explicitou os diversos caminhos que podem ser adotados na pesquisa e na docência com crianças, sempre com elas e não para

⁸ Registro retirado das Notas de campo (2023).

elas. As lógicas das crianças expõem um vasto repertório de ações, de relações, de (in) conclusões, que demonstram maneiras próprias de vivenciar o espaço e que culminam na produção das espacialidades infantis.

A construção coletiva do mapa vivencial da horta comunitária HOCOUNO demonstrou que as crianças compreendem o espaço muito além da fisicidade das coisas, elas se deixam marcar pelo espaço, mas também marcam ele, em um processo dialógico e linguageiro. A abordagem adotada priorizou as crianças como protagonistas do processo de aprendizagem, considerando as suas vozes e perspectivas na produção de geografias. Dessa forma, ao considerar a singularidade de cada criança e as suas vivências, percebeu-se que vivenciar paisagens e lugares revelaram a espacialização das suas vidas.

O mapa vivencial da horta comunitária estimulou a autoria das crianças e mostrou que elas são produtoras de suas próprias cartografias. O mapa adotou a lógica das crianças da turma e foi sendo elaborado a partir de suas perspectivas, criadoras e infantis. O mapa foi uma construção da turma, com diferentes lógicas, vivências e memórias. Com as crianças, o mapa da horta revela as geografias das muitas vidas especializadas com os lugares. Não se pode aprisionar as lógicas infantis ou aprisionar o que foi vivido. Essa é a grande qualidade do mapa das crianças: ele é vivo.

REFERÊNCIAS

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. Brasil: Ipea, FJP, PNUD.

Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/perfil/municipio/430460>. Acesso em: 28 mar. 2025.

CANOAS. **Prefeitura Municipal de Canoas**. Canoas: Prefeitura Municipal, 2023.

Disponível em: <https://www.canoas.rs.gov.br/>. Acesso em: 1 set. 2024.

COSTA, B. M. F.; SOUZA, C. S. G. de. Infâncias e espacialização da vida na cidade: diálogos com Martha Muchow. **Instrumento**, Juiz de Fora, v. 24 n. 2, p. 341-357, maio/ago. 2022. DOI 10.34019/1984-5499.2022.v24.37041. Disponível em: [Infâncias e espacialização da vida na cidade: diálogos com Martha Muchow | Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação](#). Acesso em: 26 set. 2024.

[Infâncias e espacialização da vida na cidade: diálogos com Martha Muchow | Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação](#). Acesso em: 26 set. 2024.

DALLARI, D. de A.; KORCZAK, J. **O direito da criança ao respeito**. São Paulo: Summus, 2022. E-book.

GOOGLE MAPS. **Cidade de Canoas**. 2023. [Imagem adaptada]. Disponível em: <https://www.google.com/maps>. Acesso em: 26 set. 2024.

LOPES, J. J. M. Mapa dos cheiros: cartografia com crianças pequenas. **Revista Geografares**, Espírito Santo, n. 12, p. 212-227, jul. 2012. Disponível em:

<https://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/3193>. Acesso em: 26 set. 2024.

LOPES, J. J. M. O ser e estar no mundo: a criança e sua experiência espacial. *In*: LOPES, J. J. M.; MELLO, M. B. de. (org.). **O jeito de que nós crianças pensamos sobre certas coisas**: dialogando com lógicas infantis. Rio de Janeiro: Rovellet, 2009. p. 119-132.

LOPES, J. J. M.; COSTA, B. M. F. Mapas vivenciais e espacialização da vida. **Revista Porto das Letras**, Tocantins, v. 9, n. 1, p. 321-335, fev. 2023. disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/15710>
Acesso em: 26 mar. 2025.

LOPES, J. J. M.; SUAREZ, M. P. "É de outro planeta, ele é extraterrestre". Revisitando os estudos em Geografia da Infância no Brasil. **Contemporânea, Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, v. 8, n. 2, p. 495-512, jul./dez. 2018. DOI 10.4322/2316-1329.069. Disponível em: <https://doi.editoracubo.com.br/10.4322/2316-1329.069>.
Acesso em: 26 set. 2024.

LOPES, J. J. M.; VASCONCELLOS, T. de. **Geografia da infância**: reflexões sobre uma área de pesquisas e estudos. Juiz de Fora: FEME/UFJF, 2005.

PAIM, V. A. **Semeando geografias com as infâncias**: a horta comunitária HOCOUNO e as crianças da Escola Professor Thiago Würth. 2024. TCC (Licenciatura em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/271921>. Acesso em: 29 jan. 2025.

Contribuição das autoras

Vitória Ângela Paim - Desenvolveu a pesquisa e elaborou o texto.

Denise Theves - Orientou a pesquisa e elaborou o texto.

Revisão gramatical por:

Taiane Fabiele da Silva Bringhenti

E-mail: fabiele.silvabringhenti@gmail.com